

## FAÇA SEU PEDIDO! MAS PEÇA COM SABEDORIA! – A PARÁBOLA DO AMIGO INCONVENIENTE

---



"[5] Disse-lhes também [Jesus aos discípulos]: Se alguém tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, **empresta-me** três pães, [6] pois um amigo meu chegou de viagem, e não tenho o que lhe **oferecer**; [7] e se ele, de dentro, responder: Não me incomodes; a porta já está fechada, eu e os meus filhos já nos acomodamos para dormir; não posso levantar-me para te atender; [8] eu vos digo que, mesmo que não se levante para dar os pães por causa da amizade, ele se levantará por causa do incômodo e dará quantos pães o outro **precisar**. [9] Por isso eu vos digo: Pedi, e vos será dado; buscai, e achareis; batei, e a porta vos será aberta; [10] pois todo o que pede, recebe; quem busca, acha; e ao que bate, a porta será aberta." (Lucas 11.5-9 – Almeida Século 21)

Na passagem bíblica acima, o Senhor Jesus acabara de ensinar seus discípulos a orar (vv. 1-4). Em seguida Ele complementa o ensino sobre a oração com outro que explica que a mesma vai além do relacionamento pessoal e, embora exija persistência, pode ser oferecida em total confiança no amor de Deus. A parábola ensina que Deus é um Deus de honra, e que o homem pode ter a certeza absoluta de que as suas orações serão ouvidas.

Na parábola o Senhor Jesus conta a história de um homem que tem pão (cf. v. 3) em sua casa de um cômodo – onde todos dormiam juntos. No texto o homem não se dispõe a sair da cama quando um amigo, que não tem o que oferecer a um hóspede inesperado, lhe acorda para pedir três pães emprestados. A hora avançada da noite descarta a possibilidade da compra de pão. Por isso, o amigo insiste com o seu pedido. Exatamente em virtude da insistência descarada daquele que o chama, o homem se levantará e dará, não apenas um, mas quantos pães o amigo precisar. A parábola trabalha o ensino primordial de que, se um amigo humano atende mesmo que de má vontade às necessidades de alguém que está se torna um aborrecimento, quanto mais o Deus amoroso vai atender às orações que Ele tem prazer e boa vontade em ouvir.

Particularmente, talvez a veracidade desse ensino de Jesus seja questionada por alguém que, a despeito de orar insistentemente a Deus, não obteve sucesso em seus pedidos direcionados ao Altíssimo. Que apesar de “incomodar” e insistir com Deus por longos períodos, não obteve a resposta que tanto almejou. Por quê? Qual a razão de alguém pedir algo a Deus e não receber; de buscar e não achar; de bater e a porta não se abrir? A análise cuidadosa do contexto da parábola nos ajudará a responder a todas essas indagações.

Primeiro é preciso que fique clara a ideia de que ninguém nasce sabendo como orar. Até mesmo os discípulos de Jesus não sabiam orar (v. 1). O Mestre precisou ensiná-los (v. 2). Em segundo lugar, a

ênfase da oração está na coletividade e não no individualismo de quem ora – o pão é dado coletivamente e o pedido pelo perdão dos pecados também é feito em conjunto (vv. 3-4). Em terceiro lugar, a oração não é oriunda de um script inflexível, que já vem pronto e deve ser decorado. A oração não é produzida pelos lábios. Mas é fruto do coração desejoso por Deus. Em outras palavras, a oração que agrada a Deus não possui modelo fechado. Ela é fundamentada em três princípios vinculados à nossa relação com aquele que chamamos de “próximo”. Que princípios são esses? Vejamos:

1. O primeiro princípio envolve a compreensão de que aquilo que Deus coloca graciosamente em nossas mãos é uma dádiva. Ainda assim, é de nossa responsabilidade desenvolver uma atitude posterior em relação ao presente recebido. Em outras palavras, não podemos ser o fim da bênção. Pelo contrário, devemos agir como veículo que permita que outras pessoas sejam abençoadas por meio da bênção que recebemos. Na parábola o amigo pede pães emprestados (v. 5). A intenção era devolver ou retribuir de alguma forma – como ato amigável – o empréstimo dos pães.

2. Outro princípio importante é o entendimento de que as bênçãos de Deus não são usufruto pessoal. A intenção do amigo não era comer os pães e sim oferecer ao hóspede inesperado (v. 6). Abençoado não é aquele que recebe algo de Deus. Mas aquele que compartilha o que recebeu com alguém (cf. Atos 2.44). As pessoas precisam ser abençoadas por meio das bênçãos que recebemos de Deus. Do contrário, as benesses do Reino de Deus não são multiplicadas e o nome do Senhor não é exaltado e glorificado.

3. O terceiro e último princípio envolve a percepção de que, em nosso relacionamento com Deus, a nossa necessidade sobrepõe o nosso desejo. O homem não entregou ao amigo a quantidade de pães que queria e sim a quantidade que ele necessitava (v. 8). Deus não atende simplesmente os nossos desejos se os mesmos não estiverem alinhados com as nossas necessidades. Essa é a razão porque a epístola de Tiago ensina que pedimos e não recebemos, porque pedimos de modo errado, só para gastarmos em nossos prazeres (cf. Tiago 4.3).

Portanto, a oração que agrada a Deus é aquela que envolve atitude posterior em relação aos pedidos que são feitos. Além disso, a bênçãos recebidas não são para uso pessoal e sim para abençoar outras pessoas através de nós. E por fim, a oração que agrada a Deus não é focada em nossos desejos. Mas em nossas necessidades, que Deus tão bem conhece. Por isso que no texto o verbo “pedir”, do grego αἰτέω (*aitéō*), implica na “*atitude de um suplicante que está em posição inferior àquele a quem a petição é feita*”. Significado bem diferente do verbo “pedir”, do grego ἐρωτάω (*erōtáō*), que “*indica que o suplicante está em pé de igualdade ou familiaridade com a pessoa a quem ele pede*”.

Sendo assim, faça seu pedido! Mas peça com sabedoria! Peça de modo que o resultado do pedido não encontre em você o fim da bênção. Que a resposta da oração não seja apenas para benefício pessoal e os pedidos feitos a Deus estejam sempre alinhados com a vontade de Deus e não com os seus desejos pessoais.